

MANUEL MARQUES DE AGUIAR (1927-2015)

O rigor científico e a dimensão humanista convergem na obra de Manuel Marques de Aguiar, um arquiteto e urbanista cuja formação passou pela Escola de Desenho Industrial Faria de Guimarães (1937), pela Escola de Belas Artes do Porto (1955, defesa do CODA) e pelo Institut d'Urbanisme de Paris (1954, obtenção de diploma).

O contacto com figuras como Carlos Ramos, Max Sorre, Jean Royer, Robert Auzelle, Pierre Lavedan e Gaston Bardet moldaram a sua forma de pensar e consubstanciaram um modo de ação onde o Desenho assume uma presença constante. Através dele assimila o que observa, desenvolve e consolida soluções, comunica.

A tese final que realizou em Urbanismo sob a orientação de Robert Auzelle versou a *Réconstruction à Long Terme: Étude d'un Vieux Quartier de Porto. Propositions de réaménagement. Examen Critique et méthode*. Em 1955, promoveu, com Carlos Ramos, a vinda de Auzelle para o curso de Verão nas Belas Artes e, junto do presidente da Câmara J. Machado Vaz, a sua contratação para "resolver o problema das ilhas" no Porto.

A partir de 1956, integrou os Serviços de Urbanização como urbanista na Direção Geral de Ordenamento do território. Foi então que desenvolveu, com Ilídio Alves de Araújo, estratégias de ordenamento para a região Norte através da assessoria a decisores políticos e de argumentação técnica junto de autores de estudos e planos. Destaca-se o Relatório de Viagem, pedido por Sá e Melo (1956), com indicações sobre o controlo especulativo de políticas de habitação, o redesenho da estrada de Bom Jesus (Braga, 1965) e a defesa da não localização da Sacor em Leça da Palmeira. Este trabalho de três décadas culminou na coordenação da equipa da Direção Geral de Ordenamento do Plano de reconstrução de Angra do Heroísmo, com a autoria dos três planos de pormenor (Plano de Pormenor da Carreirinha (fase 1 e 2), Plano de Pormenor da Silveira-Fanal e Plano de Pormenor do Desterro-Guarita (1982).

Entre 1962-96, foi consultor de Urbanismo da Câmara Municipal de Espinho, com aproximadamente quatro mil pareceres e oitenta planos desenvolvidos pelas sucessivas equipas camarárias, em articulação com o *Anteplano de Urbanização* (1967) que foi sendo progressivamente ajustado. Foi através dos projetos de desenho urbano de Manuel Marques de Aguiar que a cidade de Espinho consolidou a sua identidade. Basta citar as esplanadas (1965-96), o Pavilhão de Chá (1965), a Rua 19 (1989) ou a Praça de José de Salvador (1989).

Paralelamente, manteve atividade enquanto arquiteto liberal, a partir do seu escritório no Porto. Nos projetos e obras de arquitetura identifica-se a procura de uma forte integração urbana criando espaços de vivências e de encontro: é o caso da galeria do prédio de Gonçalo Cristóvão e do gaveto com a Rua do Bonjardim, formado pelos Edifícios Figueiredo e Lar Familiar (1957-68); das escolas Francesa (1959) e de Montalegre (1965); do Mercado de Montalegre (1964). Nos projetos de arquitetura (e obras de menor dimensão) – como na casa redonda nas Carvalhas, nas propostas para o equipamento turístico das Caldas de Aregos, mas também nas peças de arquitetura religiosa (ambão, sacrário, campa de D. António Ferreira Gomes) – destaca-se uma componente experimental (essencialmente "moderna") e uma componente de relação com o lugar ou mesmo com a tradição. Na resolução de questões arquitetónicas, tal como nas questões urbanas é a expressão desse compromisso que marca o seu percurso profissional: a convergência de uma dimensão humanista com o rigor científico das abordagens ao trabalho.



Desenho de Manuel Marques de Aguiar, Quinta do Ribeiro (Braga), 1982

FUNDAÇÃO MARQUES DA SILVA

Praça do Marquês de
Pombal, 30/44
4000-390 Porto

HORÁRIOS

Segunda a sexta: 14h-18h
Sábado: 10h-12h30

FUNDAÇÃO
MARQUES
DASILVA

O DESENHO DA VIDA NA OBRA DE MANUEL MARQUES DE AGUIAR

Curadoria
David Leite Viana

EXPOSIÇÃO
FUNDAÇÃO MARQUES DA SILVA
24.04.2021
– 30.09.2021

DESENHO DA VIDA

NA OBRA DE
MANUEL MARQUES
DE AGUIAR

A vida e obra de Manuel Marques de Aguiar perfazem um contributo singular no contexto da produção arquitetónica e urbana nacional, devido à procura de transformação de vivências que a sua prática de arquitetura e urbanismo proporciona e respetivo potencial de apropriação espacial. Na criação de espaços e lugares efetivos na melhoria das vivências humanas, Marques de Aguiar acolhe e partilha o tempo como elemento mediador, da resposta imediata às intenções de longo prazo. Esta relação entre mudança de vivências e processos de apropriação dos espaços sintetiza-se na criação e construção de lugares que resgatam valores sobre os quais importa tornar a olhar nos dias de hoje. O espaço criado para quem o vivencia e o trabalho do arquiteto e urbanista como compromisso em que o pensamento crítico é inerente a um entendimento da necessária construção colaborativa do território.

A exposição revela projetos, olhares e memórias de um processo de procura – intuitivo ou sistemático – intencionalmente orientado para a definição de valores e prioridades da transformação das vivências.

SALA 1 – NÓS

A exposição contempla essencialmente desenhos de Manuel Marques de Aguiar. No entanto, não era apenas por este tipo de linguagem com que se expressava e olhava para o que o rodeava.

A fotografia constituiu um outro modo de saber ver e compreender as várias dimensões da vida e das pessoas. Desde o território ao lar, fotografou os ambientes ora como parte dos mesmos, ora enquanto “apenas” observador, interpondo (nestes casos) um plano intermédio que cria a distância necessária para refletir sobre as vivências observadas/experienciadas. Não obstante esta perspetiva crítica dos territórios, seus habitantes e respetivo quotidiano, a focagem é sempre humana.

SALA 2 – QUOTIDIANO

O desenho da vida a acontecer é uma constante em Manuel Marques de Aguiar. Constituem registos gráficos onde se percebe o tempo e seus ritmos, as relações entre as pessoas e seus graus de cumplicidade, os lugares e respetivo papel na mediação da interação social, os espaços e as vivências que proporcionam. A centralidade dos sítios na criação de compromissos e na partilha de memórias é transversal às cenas do dia-a-dia captadas, quer sejam interiores ou exteriores. O habitar conjunto, mesmo quando fixa indivíduos isolados, é tema central nesta série de desenhos. A atenção sobre o quotidiano refletiu-se nos projetos que desenvolveu e no pensamento de cidade que preconizou.

HALL – CONHECIMENTO

À aprendizagem sobre o planeamento urbano que teve em Paris acrescentou o cuidado na humanização das cidades, sublinhando a apropriação dos seus espaços e privilegiando o habitar integrado e solidário. Adicionalmente, sintetizou correntes teóricas internacionais sobre a arquitetura e o urbanismo de então com o conhecimento adquirido em contextos vernáculos, nos quais a experiência e a prática de vivências de proximidade remetem para a relevância da construção colaborativa dos territórios e para a partilha da vida. Tornar possível o encontro de ambientes contrastantes, reconhecendo as especificidades inerentes, é um ensinamento da obra de Manuel Marques de Aguiar.

MESA – CALIGRAFIA

O sentido lúdico do ato de desenhar foi explorado por Manuel Marques de Aguiar num conjunto diverso de registos gráficos que deixam evidente a pluralidade dos tipos de linhas empregues no captar de vivências – desde a linha gestual, a linha estrutural, a linha diagramática, a linha como plano, a linha caligráfica, entre outras. A experimentação no e do desenho percorreu essencialmente a linha.

A mancha e a cor têm também lugar, mas com menos preponderância que a fluidez do traço. Quanto a suportes, o papel é protagonista, desde o vegetal aos guardanapos – em qualquer um o desenho da vida acontece. O escrever, como o desenhar fluído, também acontece de modo vívido.

SALA 3 – PARTILHAS

SALA 3.1 – EM VIAGEM

A abrangência do olhar de Manuel Marques de Aguiar sobre o que é comum e o que diferencia os ambientes construídos consubstanciou-se nas viagens que realizou, onde conheceu distintas realidades e gentes. A série de desenhos sobre vários contextos internacionais expressa a diversidade de escalas envolvidas nessa aprendizagem do outro, sobre o que é singular, mas também transversal aos espaços de vivências – independentemente da respetiva geografia. A amplitude do que é, por vezes, desenhado obriga a uma linha que se desdobra entre a grande narrativa e o particular, entre o que é estrutural e sistémico e o que é próprio dos sujeitos e seus locais.

SALA 3.2 – MARGENS

A construção de ambientes entre paisagens e (infra)estruturas é abordada por Manuel Marques de Aguiar com uma série de desenhos onde procura pautar os ritmos dessa construção coletiva do território, registando diferentes momentos da edificação de pontes, como as que ligam Porto e Gaia. A sequência deixa evidente a leitura crítica dos contextos contemplados, captando os seus sistemas e tornando explícito o que os move – a Natureza e o quotidiano das pessoas, das suas relações e dos seus afazeres. A complexidade das estruturas desenhadas é traduzida nos desenhos com um detalhe que não visa o protagonismo das mesmas, mas sim o que acrescenta ao território e à vida de todos.

SALA 3.3 – O OUTRO

Na arquitetura de Manuel Marques de Aguiar o sujeito intrínseco ao seu pensamento são as pessoas e respetivo quotidiano. O cuidado que dedica ao planeamento do ambiente construído ou ao projeto do edificado é complementado pelo desenho da vida e suas dinâmicas, interações e relações. Se Fernando Távora referia que a forma organiza o espaço, no caso da obra de Manuel Marques de Aguiar pode-se acrescentar que a apropriação do espaço organiza a vida. Aprender a saber ver o dia-a-dia resultou numa série de registos de pessoas, ora sozinhas, ora acompanhadas; em descanso, em azáfama, em encontros, em conversa, em... – sintetizando, vivendo! A vida insufla o plano e o projeto.

SALA 3.4 – NA PRAIA

A sequência de desenhos em ambiente balnear revela vivências descontraídas que evocam a partilha de momentos de interação, conversa e contemplação, expressando tempos “lentos” para estar com o outro. O olhar de Manuel Marques de Aguiar foca a experiência do corpo no espaço, a apropriação dos ambientes e os componentes necessários para enquadrar a vida a acontecer. A sua “mão” regista o instante com uma gestualidade fluída e de síntese, captando o essencial da relação dinâmica entre o espaço e seus usufruidores. A relevância dada ao movimento dos corpos e elementos envolventes (como o mar e a brisa) consubstancia-se no compromisso estabelecido entre ambos.

EXPOSIÇÃO

Curadoria

David Leite Viana

Apoio à curadoria

Marta Aguiar
Sofia Aguiar

Design Expositivo

David Leite Viana
Marta Aguiar
António Choupina

Design Gráfico

Sérgio Magalhães

Produção

Luís Urbano
João Ferreira Alves
Paula Abrunhosa
Ana Sofia Ramos

Conservação e Restauro

Ana Freitas

Comunicação

Anabela Santos
Paula Abrunhosa

Agradecimentos

Família de Manuel Marques de Aguiar
Álvaro Siza
Nuno Grande
Cristina Ferreira
Isabel Carvalho

FUNDAÇÃO MARQUES DA SILVA

Conselho Diretivo

Fátima Vieira (Presidente)
Luís Urbano (Vice-Presidente)
Graciela Machado
Armando Malheiro

Diretor Executivo

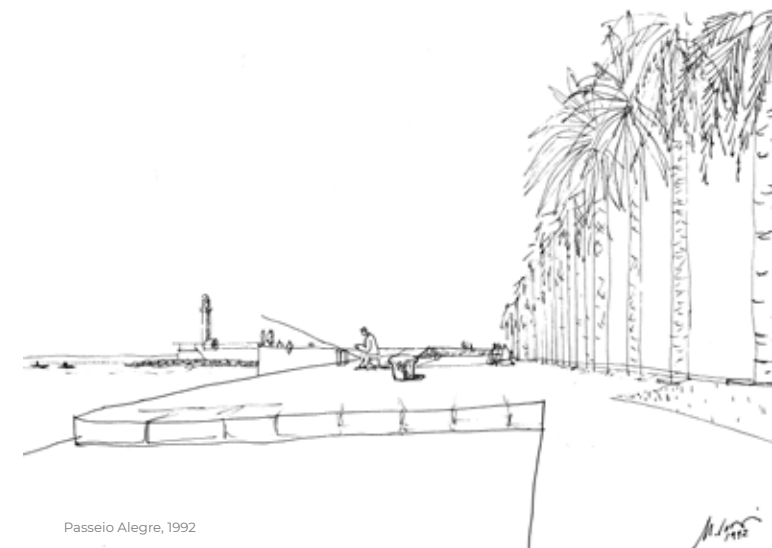
João Ferreira Alves

Comunicação e Produção

Paula Abrunhosa

Centro de Documentação

Conceição Pratas
Ana Sofia Ramos
Guilherme Gouveia
Adriana Martins
Carlota Tavares



Passeio Alegre, 1992